

ESPECIFICIDADES DA SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JORNALISMO: uma análise comparativa com as práticas pedagógicas do ensino formal

SPECIFICITIES OF KNOWLEDGE SOCIALIZATION THROUGH JOURNALISM: a comparative analysis with the pedagogical practices of formal education

Janaína KRONBAUER¹

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Resumo

Compreender as especificidades da socialização de conhecimentos operada pelo jornalismo é o objetivo deste trabalho. Parte-se do pressuposto de que o jornalismo é uma forma social de produção de conhecimentos a qual é inerente uma dimensão pedagógica, fator que possibilita seu comparativo com as práticas escolares. Com seis categorias de análise predefinidas e entrevistas com especialistas, foram montados quadros comparativos de semelhanças e diferenças entre as práticas de socialização de conhecimentos realizadas pelas agências do jornalismo e do ensino formal. Os resultados evidenciam que ambas as práticas se distinguem quanto a seus auditórios e se aproximam quanto ao contrato comunicativo, os sistemas peritos, a autoridade atribuída e dispositivos e formatos. Eventuais semelhanças acerca de suas finalidades precisam ser relativizadas, pois o jornalismo não se volta a fins específicos de aprendizagem.

Palavras-chave

Jornalismo; Ensino formal; Socialização de conhecimentos; Práticas pedagógicas; Estudo comparativo de perfil qualitativo.

Abstract

Understanding the specificities of the knowledge socialization operated by journalism is the objective of this article. It is assumed that journalism is a form of social production of knowledge in which is inherent a pedagogical dimension, a factor that allows its comparison with school practices. With six predefined categories of analysis and interviews with specialists, comparative tables of similarities and differences were set up between the practices of socialization of knowledge carried out by the agencies of journalism and formal education. The results show that both practices are distinguished in terms of their auditoriums and are close to the communicative contract, expert systems, assigned authority and devices and formats. Any similarities about its purposes need to be relativized, because journalism does not turn to specific learning intention.

Keywords

Journalism; Formal education; Knowledge socialization; Pedagogical practices; Comparative study of qualitative profile

RECEBIDO EM 28 DE DEZEMBRO DE 2022

ACEITO EM 12 DE ABRIL DE 2023

¹ Doutora em Jornalismo (UFSC) e Mestra em Comunicação e Informação (UFRGS). Professora substituta no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: ksjanaine@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6024-4128>. Este estudo deriva da pesquisa de doutorado da autora, tendo recebido financiamento de bolsa CAPES-DS entre 2018/1 a 2021/2.

Introdução

Ao tomar como base as proposições de Park (2008a; 2008b), Genro Filho (2012) e Meditsch (1992; 2010), entendo o jornalismo como uma forma social de produção de conhecimentos acerca da realidade. Partindo de outro prisma, a pedagogia, reflexão teórica e prática de e sobre atividades educativas, possibilita que o conhecimento, em seus vários matizes, circule e seja apropriado pelos indivíduos – processo que ocorre através das modalidades educativas: formal, informal e não formal (LIBÂNEO, 2010). Assim, de modo concomitante, mesmo que participando de esferas educativas distintas, tanto o jornalismo quanto o ensino formal se apresentam como agências socializadoras de conhecimentos com perfis pedagógicos próprios.

Prática que se integra à modalidade educativa não formal, o jornalismo contém intencionalidades não necessariamente explícitas. No sistema formal de ensino tal atributo é aparente e sua manifestação é essencial ao processo de ensino-aprendizagem. Há, contudo, similitudes quanto a alguns dos predicados acionados por essas duas agências para que a socialização de conhecimentos se efetive.

No sistema educativo formal, suas “características [...] estão condicionadas pela natureza das informações socialmente necessárias, notadamente as de caráter científico, as generalizações e as leis que regem os processos reais”. De outra parte, “da mesma forma que o ensino, o jornalismo é uma estrutura determinada de transmissão de informações, com características próprias e sujeito a leis” (GENRO FILHO, 2004, p. 161). A partir dessa leitura, é pertinente considerar que

Janaíne **KRONBAUER**

A socialização protagonizada pelo Ensino Formal assume a tarefa maior da reprodução da cultura erudita, das ciências, das técnicas e das instituições, em crescente especialização. Pelo Jornalismo, se socializa a atualização imparável destes saberes pelo movimento da realidade, e se estabelece a comunicação possível entre as especificidades dos mesmos nos limites do senso comum (MEDITSCH; KRONBAUER, 2021, p. 51-52).

A natureza do conhecimento vinculada ao jornalismo é intersubjetiva (MEDITSCH, 2007) e em seu fazer identifica-se uma relativa processualidade: diferentes aspectos de fenômenos tidos como relevantes são reunidos para compor narrativas noticiosas com sentido e, principalmente, que correspondam de modo o mais fidedigno possível à realidade dos fatos reportados. Essa constatação motiva a busca por compreender o modo como esses conhecimentos são colocados em circulação, assimilados e apropriados pelos diferentes auditórios que consomem jornalismo, ou seja, a forma como ocorre a sua socialização.

A pesquisa realizada para a produção deste artigo, aqui sintetizada, revisa o conceito de socialização de conhecimentos (BERGER; LUCKMANN, 2014) e os processos de aprendizagens (BRAGA; CALAZANS, 2001; BRAGA, 2001) a ele conexos. Também coloca em perspectiva e sistematiza evidências reunidas a partir de entrevistas em profundidade com especialistas nas áreas de comunicação, jornalismo e educação sobre seis categorias de análise vinculadas a essas agências socializadoras de conhecimentos: contrato comunicativo, sistemas peritos, autoridade atribuída, dispositivos e formatos, conhecimento sobre os auditórios e finalidades da socialização de conhecimentos. Cabe indicar que este estudo se movimenta em torno de uma concepção que toma o jornalismo a partir de um ponto de vista modelar, calcado nos preceitos iluministas vinculados à profissão (FONSECA; SEIBT, 2015), cuja perspectiva, em termos de consecução, ocorre de modo não

homogêneo, mas em maior e menor medida, no cotidiano da atividade profissional.

Socialização de conhecimentos e aprendizagens

Para além da família, a responsabilidade pela formação educativa, cultural, moral e ética dos indivíduos é habitualmente imputada ao ensino formal, perspectiva que se volta tanto à alfabetização e letramento quanto ao seu convívio social e à construção de relações interpessoais. De acordo com a Berger e Luckmann (2014, p. 169) é no ambiente da escola que ocorre uma das principais etapas do processo de socialização dos indivíduos. Para os sociólogos, a socialização pode ser desmembrada em duas fases: a primeira e a segunda socialização. A primeira ocorre na infância, “em virtude da qual [o indivíduo] torna-se membro da sociedade”. Nesse momento ele participa [idealmente] de um ambiente familiar, aprendendo e internalizando os hábitos e convenções daquele agrupamento.

Essa primeira fase se dá no âmbito familiar e avança, em seguida, para uma esfera maior, habitualmente materializada na escola (onde a socialização primária ainda é fortemente presente) e seus principais agentes socializadores, os adultos. Para Meditsch (2010, p. 27), essa socialização “ocorre principalmente através dos sistemas pedagógicos especializados. É ‘secundária’ porque agrega um submundo à realidade dominante internalizada pela ‘socialização primária’, mas não a substitui totalmente”.

Quando inserido no ambiente social mais amplo, é a socialização secundária que continua ocorrendo: ela “introduz o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 169). É nesse espaço que se localiza o jornalismo, com a possibilidade de obtenção e consumo de informações noticiosas por parte dos sujeitos.

As interações de indivíduos, nas relações interpessoais e nas trocas linguageiras, são fundamentos para a assimilação e apreensão de todo e

qualquer conhecimento. Nesse caminho, socializações e aprendizagens valem-se de intercâmbios para se estabelecerem, bem como do desenvolvimento cognitivo e de apropriações culturais assimiladas. O acesso às diversas informações e conhecimentos (formais e não formais) ocorre assim, por meio das interações e trocas entre indivíduos por meio das socializações, às quais se agregam, igualmente aprendizagens. Setton (2010, p. 107) enfatiza: “partindo de um conceito amplo de educação, considero a hipótese de que a matriz de cultura midiática tem força e responsabilidades no processo de socialização atual, todavia não tem o monopólio na formação de nossa consciência”.

A responsabilidade atribuída às atividades educativas formais é robusta e, apesar de serem consideradas basilares, não ocorrem apenas no ambiente escolar; são também compartilhadas com outras agências sociais (SETTON, 2005; 2010), as quais descrevem trajetórias de modo paralelo e concomitante à escola (FREIRE; GUIMARÃES, 2003). Assim, a socialização e as aprendizagens se dão em contextos múltiplos, desde que neles exista alguma espécie de intenção ou direção de sentido, algo próprio das práticas pedagógicas (CERQUEIRA, 2018). Vinculado à modalidade educativa não formal, o jornalismo também contém, em suas produções, intencionalidades – ainda que de modo não sistematizado (caso do sistema escolar).

Compartilhando espaço, mas partindo de lugares distintos, as aprendizagens escolar e mediática, como definido por Braga e Calazans (2001, p. 63), têm perfis próprios. Enquanto a aprendizagem escolar volta-se a um público específico, estratificado por etapas de ensino, a aprendizagem mediática “tem muito de disposição geral (na medida do acesso, por muitos, a um mesmo material simbólico) e muito de experiência singular, vivida (na especificidade das interações e das interpretações ativadas pelos usuários)”.

Se da perspectiva do processo de aprendizagem escolar sua aspiração é avançar na direção do desenvolvimento dos educandos, em se tratando das

aprendizagens mediáticas, às quais se vincula o jornalismo, “devemos evitar assumir uma pretensão de positividade automática do conceito de aprender” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 63). Braga e Calazans (2001, p. 91) apontam também que as aprendizagens mediáticas “induzem modificações no sistema educacional estabelecido, solicitam, divergem, confundem, contribuem, desafiam”, algo diferente do que se observa nas aprendizagens educacionais, cujo corpo de conhecimentos é mais estável.

Há aproximações importantes, mas também contrastes notórios entre as práticas das chamadas aprendizagens educacional e mediática. Com o intuito de elucidar quais são algumas das semelhanças e diferenças entre ambas as agências no que tange à socialização de conhecimentos que oportunizam, a seguir avança-se na apresentação dos passos metodológicos que conduziram este estudo.

Caminho metodológico

A realização desta pesquisa acionou os ferramentais do método comparativo. De acordo com Lakatos e Marconi (2009, p. 274), eles permitem “uma melhor compreensão do comportamento humano” em seus diferentes contextos de inserção e, ainda, “verificar similitudes e explicar divergências”. Para Strauss e Corbin (2008, p. 85), a adoção de análises comparativas decorre do fato de “não reinventarmos o mundo à nossa volta a cada dia”, sendo possível, com isso, tomar como base o “que sabemos para nos ajudar a entender aquilo que não sabemos” ainda.

Com execução aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), a pesquisa aqui sintetizada contou com a realização de entrevistas individuais semiestruturadas. A opção por este tipo de interlocução deveu-se ao fato de que esse tipo de entrevista “conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2008, p. 66).

Janaíne **KRONBAUER**

Assim, entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021, foram ouvidos 20 especialistas das áreas de comunicação/jornalismo e educação. O convite para que participassem do estudo considerou a referencialidade dos participantes em suas áreas de atuação, sendo que os mesmos dispunham de trajetórias consolidadas e reconhecimento profissional frente a seus pares, figurando como especialistas ou pessoas com notório saber em suas áreas de formação. Em termos de representatividade, o perfil dos entrevistados foi composto por onze mulheres e nove homens, sujeitos advindos de quatro regiões (Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste) do Brasil e também do exterior (caso de uma entrevistada), caracterizados, de acordo com a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como brancos (85%), pretos (5%) e amarelos (10%).

Três etapas compuseram o caminho metodológico, com a descrição das categorias elegidas para exame, a análise e cotejamento das percepções dos entrevistados e, por fim, a interpretação das informações reunidas. A partir das manifestações dos entrevistados (transcritas e categorizadas) foi possível reunir, associar, intensificar proposições convergentes e/ou evidenciar pontos de maior tensão quanto às falas, extraíndo-se delas fragmentos ilustrativos das declarações.

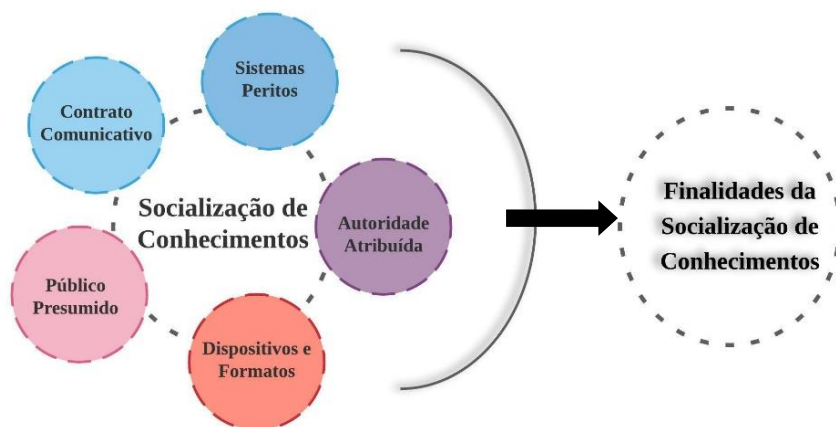
São apresentadas, a seguir, as definições conceituais de cada uma das seis categorias de análise eleitas para a investigação: contrato comunicativo, sistemas peritos, autoridade atribuída, dispositivos e formatos, conhecimento sobre os auditórios e finalidades da socialização de conhecimentos. Na sequência são dispostos os quadros comparativos de semelhanças e diferenças entre as práticas de socialização de conhecimentos das agências aqui consideradas e também as sínteses das percepções dos especialistas entrevistados².

² Por motivos de delimitação espacial e para atender aos fins de síntese almejados para o momento, neste artigo não se avança na indicação de exemplos ilustrativos das proposições dos entrevistados – o que é

Categorias de análise: definições, comparações e variáveis

A partir de um primeiro exercício exploratório, identificou-se uma relativa similitude quanto aos predicados mobilizados pelo jornalismo e pelo ensino formal para socializar conhecimentos junto a seus respectivos auditórios. Recorrendo às definições conceituais das seis categorias de análise mapeadas naquele momento e conjugando-as ao processo de socialização, o seguinte diagrama foi conformado:

Figura 1 – Processo de socialização de conhecimentos



Fonte: Kronbauer (2021)

Cada um dos elementos contidos na figura participa da socialização de conhecimentos por meio das agências do jornalismo e do ensino formal. É acerca de suas definições conceituais básicas que se avança em seguida.

feito à exaustão na pesquisa da tese. Cabe indicar, no entanto, que foi a análise dessas manifestações que possibilitou a composição dos quadros comparativos aqui apresentados.

– **Contrato comunicativo:** O ato de comunicar sempre envolve dois ou mais atores, estruturando-se por meio de trocas, interações e intencionalidades. Nessa ambiência também se situam a “instância de produção, submetida a certas condições”, a “de recepção, submetida a condições de interpretação”, e, ainda, o “texto como produto [...] submetido a certas condições de construção” (CHARAUDEAU, 2013, p. 23-24). Integrados, tais elementos conformam o chamado *contrato comunicativo*. Esse contrato trata das intencionalidades, restrições e convenções inerentes às trocas comunicativas e está presente nos contextos tanto do jornalismo quanto do ensino formal. Charaudeau (2013, p. 68, **negrito meu, itálico do autor**) contextualiza:

O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão **ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência**. Eles se encontram na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um **contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um contrato de comunicação**.

Por meio do contrato comunicativo são descritas as ações dos sujeitos dessas trocas e é confirmada (ou não) sua efetividade. Estruturado em *dados internos* e *dados externos* – não tematizados aqui pela delimitação de espaço – esse contrato se refere também à relação de confiança entre os pares da troca comunicativa. É a partir dessa relação, atrelada às esferas da confiança, da legitimidade e da credibilidade, que ocorrem intercâmbios informativos em que é possível confiar dada a acurácia e pertinência quanto ao que é exposto por cada agente.

O quadro abaixo ilustra as peculiaridades do contrato comunicativo quando aplicado aos contextos das agências aqui examinadas:

Tabela 1 – Contrato comunicativo

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Expectativas	Implícitas	Implícitas e explícitas
Interação	Indireta e raramente interpessoal	Direta e interpessoal
Perfil do conhecimento	Ampla, difusa e orientado por projetos editoriais e editoriais pré-definidas	Orientado por componentes curriculares
Visada de captação	Lógica comercial latente	Lógica educativa

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com a integração entre definições conceituais e as proposições dos especialistas ouvidos identificou-se que o contrato comunicativo participa tanto do ambiente do jornalismo quanto do ensino formal, mas com configurações específicas. Se no jornalismo as expectativas quanto às suas produções são implícitas à primeira vista, no ensino formal, elas são tanto implícitas quanto explícitas, sendo objeto de diferentes negociações entre educadores e educandos. No jornalismo as interações assumem um caráter virtual ou indireto, sendo raros ou ocasionais os contatos interpessoais, de outra parte, na educação formal há interação constante. Quanto ao perfil do conhecimento, no jornalismo ele é amplo, difuso e orientado por projetos editoriais e editoriais pré-definidas. No ensino formal, ele segue disposições de componentes curriculares, submetidas a uma estrutura formativa ainda maior. Sobre a variável da visada de captação, observa-se que uma lógica comercial latente

Janaíne **KRONBAUER**

se faz presente no jornalismo. No ensino formal há predomínio da lógica educativa, apesar de o comercial também poder ser identificado ali.

– **Sistemas peritos:** “[...] sistemas de excelência técnica ou competência profissional”, os *sistemas peritos* de que trata Giddens (1991, p. 87) “organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos”. Por meio deles um conjunto de habilidades e competências afiançáveis exercidas por outrem são reunidas e, ainda que o acesso às competências peritas não seja algo de ordem secreta, investimentos intelectual, financeiro e cognitivo são demandados de quem aspira alcançá-las.

Ao aplicar o conceito ao jornalismo, Miguel (1999, p. 199) sugere que “não é difícil perceber de que maneira o jornalismo [...] pode ser visto como um sistema perito que inclui uma prática específica e um produto final”. Neste caso, a formação perita se dá por meio de uma graduação em nível de bacharelado, a qual, além de capacitar quanto ao uso de ferramentas e técnicas especializadas, habilita os profissionais a lidarem com elementos intersubjetivos presentes no cotidiano jornalístico.

Relativa homologia entre a perícia exercida por jornalistas é também incorporada por professores, pois a atividade docente igualmente aciona especificidades em seu fazer. O professor é especialista em suas atividades pela formação que o habilita à docência, com a licenciatura em determinada área do conhecimento, cursos, vivências práticas, estágios. Nesse sentido, a pesquisa argumentou pela simetria na compreensão das perícias exercidas por ambas as atividades, conforme ilustra o quadro a seguir:

Tabela 2 – Sistemas peritos

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Especificidades da perícia	Competências de reconhecimento, procedimento e narração + Mediação	Competências de formação, didática e exposição + Mediação
<i>Ethos</i> profissional e formação superior	Em construção e em busca de fortalecimento	Já consolidado, mas sob ameaça

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Duas variáveis foram observadas quando do cotejo e análise da categoria *sistemas peritos*. Na primeira, observou-se que as duas agências atuam com mediações (elemento mais aproximado entre as práticas jornalísticas e docentes) e têm competências semelhantes, cada uma a seu modo. No jornalismo elas se referem aos modos de reconhecimento, de procedimento e de narração (ERICSON, BARANEK, CHAN, 1987) pelos quais se pesquisa, reporta, edita, constrói e distribui a informação noticiosa. Em se tratando do ensino formal, associam-se à mediação as competências de formação bem como as de didática e de exposição de conteúdos programáticos. Cada perícia é exercida de modo particular, mas há similaridades entre ambas. Quanto à segunda variável, o *ethos* profissional e a formação superior são traços de identidade compartilhada. Se no ensino formal tal atributo já está consolidado, mas sob ameaça, no jornalismo seu *ethos* ainda está em construção e em busca de fortalecimento. Nesse aspecto, as identidades entre as realidades das duas agências ocorrem também quanto às ameaças a que estão sujeitas.

– **Autoridade atribuída:** O termo *autoridade* vincula-se diretamente a sentidos de “poder”, “legitimidade” e “referencialidade”. Esta última acepção alude quase à modelagem com que dada atividade é exercida. O conceito também se associa à definição de “poder simbólico”, de Bourdieu (1989, p. 14), caracterizado como o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo”. Para Bourdieu, esse poder “quase mágico” disporia de um “efeito específico de mobilização”, mas somente se aquilo ou quem o exerce for reconhecido como legítimo.

Deriva dessa conjunção de fatores o vínculo entre a autoridade investida e assumida por profissionais do jornalismo e da educação, pois ambos exercem atividades particulares, com competências próprias e socialmente reconhecidas. Cabe indicar que hoje, mais do que no passado recente, a atribuição de autoridade a essas profissões vem sendo cada vez mais colocada sob suspeita.

Tabela 3 – Autoridade atribuída

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Mitologia acerca da profissão	Herói ou <i>paparazzi</i>	Docência como vocação/sacerdócio e/ou segunda maternagem
Assimetria de posições entre os agentes	Questionada e colocada sob suspeita	Questionada e colocada sob suspeita
Formação profissional específica	Pouco codificada, com desvalorização social e financeira	Pouco codificada, com desvalorização social e financeira

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Historicamente as atividades jornalísticas e docentes têm sido vinculadas a estereótipos. No jornalismo, por bastante tempo, destacou-se a figura do herói ou dos *paparazzi*. Quanto ao ensino, uma imagem de sacerdócio/vocação e até de uma segunda maternagem é projetada. Tais mitologias prejudicam ambas as profissões, distorcendo suas origens e funções. Depreendeu-se das considerações dos entrevistados que ambas as profissões vêm sendo colocadas sob suspeita na contemporaneidade, aspecto diretamente ligado à fragilização e apagamento de profissões que envolvem atividades intelectuais. Quanto às suas formações profissionais específicas, tanto o jornalismo quanto o ensino formal são objeto de desvalorização social e financeira, caracterizando-se por sua reduzida ou quase nula codificação, pois via de regra, além do diploma, há poucas barreiras que impeçam o acesso a seus modos de fazer.

– **Dispositivos e formatos:** Por meio das trocas entre sujeitos ocorre a socialização de conhecimentos. Essas interlocuções, tanto no jornalismo quanto no ensino formal, são condicionadas pelos dispositivos e formatos através dos quais informações e conhecimentos circulam; esses recursos operam lógicas discursivas de produção de sentido junto aos seus respectivos auditórios.

Os dispositivos do jornalismo são os suportes pelos quais suas produções são veiculadas (rádio, TV, imprensa, internet) e os formatos são as configurações a delinear o perfil dos materiais noticiosos. No ensino formal, os dispositivos são os instrumentos próprios ao ambiente escolar (salas de aula, bibliotecas, laboratórios, materiais didáticos) e os modos como eles serão utilizados nas aulas caracterizam seus formatos. É nesses espaços e com esses meios que acontecem as trocas comunicativas e as rotinas de socialização de conhecimentos entre jornalistas e públicos e entre professores e estudantes.

Tabela 4 – Dispositivos e formatos

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Função didática	Vínculo eventual e contextual	Vínculo orgânico
Interação	Mediata (remota)	Direta (interpessoal)
Atualização digital	Presente, com tendência a maior adesão	Presente, mas com lacunas e disparidades

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Relacionados às diferentes linguagens utilizadas pelas agências do jornalismo e do ensino formal, os *dispositivos e formatos* apresentam, neste estudo, três variáveis. Na primeira, relativa à função didática, observa-se que no jornalismo tal dimensão tem um vínculo eventual e de contexto, auxiliando na construção das narrativas noticiosas. No ensino formal, tal função é orgânica, pois o uso de dispositivos (tecnológicos ou não) e formatos, é inerente ao contexto escolar. Quanto à interação, ela incorpora perfil remoto ou mediato quando do jornalismo e direto e/ou interpessoal quando se trata do ensino escolar. Em relação à atualização digital, evidenciou-se que nos dois ambientes ela se faz presente, porém há diferenças substanciais quanto à sua adesão: no jornalismo ela tende a ser maior e no ensino formal ela tem lacunas e está submetida a condições de disparidade. Assim, uma simetria completa entre as agências não é possível, porém, ambas manejam instrumentais afins, com modos peculiares e objetivos distintos.

– **Conhecimento sobre os auditórios:** Definir os públicos que acessam os conteúdos do jornalismo e do ensino formal é uma busca relativa à categorização de seus auditórios. Para Meditsch (2007, p. 233), “em cada

**ESPECIFICIDADES DA SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JORNALISMO:
uma análise comparativa com as práticas pedagógicas do ensino formal**

auditório podem coexistir diversos campos de validação de argumentos, cujos critérios eventualmente se contradigam” – tal constatação se verifica especialmente hoje, com a horizontalização e acesso às diferentes mídias (analógicas e digitais).

Aos auditórios do ensino formal pertencem de crianças e adolescentes a jovens e adultos, os quais são facilmente definidos. Há, inclusive, determinações legais quanto ao seu perfil – caso do ensino básico. A esse auditório se soma, de modo facultativo, a educação infantil e os ensinos técnico e superior. Quanto ao jornalismo, os auditórios são maleáveis e difusos, pois inexistente obrigação para que ele seja acessado. Assim, a heterogeneidade de seus públicos impede uma definição categórica quanto ao seu perfil. Cabe indicar que como pertencer a um auditório não é impeditivo para que se participe de outro, pode haver até mesmo uma sobreposição de perfis entre os públicos do ensino formal e do jornalismo.

Tabela 5 – Conhecimento sobre os auditórios

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Assiduidade	Voluntária	Regrada
Tipo de apropriação	Liberdade interpretativa	Controlada e sob avaliação
Ênfase do conhecimento	Integração entre interesse público e interesse do público	Domínio de conteúdos curriculares
Identidade e pertencimento	Difuso, variável, fugaz	Estável, constante, circunspecto
Autoverificação	Autoprojeção de jornalistas	Autoprojeção de professores

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Janaíne **KRONBAUER**

Das seis categorias de análise estudadas, a do *conhecimento sobre os auditórios* é a que mais tem contrastes quanto aos ambientes do jornalismo e do ensino formal. Nas quatro primeiras variáveis verificadas, suas condições são totalmente opostas. No jornalismo a assiduidade dos públicos é voluntária, no ensino formal ela é regrada. Se há liberdade interpretativa quanto ao tipo de apropriação feita das notícias e oportunizada pelo jornalismo, na educação formal a apreensão de conteúdos tende a ser controlada e estar sob avaliação. Quanto à ênfase do conhecimento ofertado, no jornalismo se costuma integrar o interesse público com o interesse do público, o que não ocorre na escola (ou ocorre em medida reduzida), pois nela predominam conteúdos curriculares. Quanto à variável identidade e pertencimento, no jornalismo o auditório é difuso, variável e fugaz; no ensino formal este costuma ser estável, constante e circunspecto. A variável da autoverificação é a única com aproximação entre os dois ambientes, sendo objeto da autoprojeção de jornalistas e professores, pois estes, em algum momento, já ocuparam (ou ainda ocupam) essa posição. Tal predicado os habilitaria a reconhecer as características dos dois auditórios³.

– **Finalidades da socialização de conhecimentos:** de acordo com Michaelis (2015), o termo “finalidade” se refere: 1) à “intenção de realizar algo; objetivo”, e 2) à “elucidação de natureza intelectual de algo, pelos fatos apresentados e seu propósito”. A finalidade trata, assim, dos objetivos de dada ação, neste caso, a própria socialização. Para Charaudeau (2013, p. 69), “a *finalidade* é a condição que requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo” e “se define através da expectativa de sentido em que se baseia a troca [comunicativa], expectativa de sentido que deve permitir responder à pergunta: ‘Estamos aqui para o dizer o quê?’”.

³ Esse atributo é anterior à socialização de conhecimentos propriamente dita, o que pode condicionar o modo como ela ocorre.

**ESPECIFICIDADES DA SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JORNALISMO:
uma análise comparativa com as práticas pedagógicas do ensino formal**

Reginato (2019, p. 222) evidenciou a existência de 12 finalidades vinculadas ao jornalismo; estas não se manifestam de forma simultânea, mas estão presentes no horizonte deste modo de fazer-saber no cotidiano. Segundo a pesquisadora, “todos os dias jornalistas escrevem notícias e disponibilizam textos que são tomados como conhecimento por alguém, acarretando questões para a vida prática das pessoas e para a compreensão de mundo que elas têm”. Esse apontamento se vincula às finalidades da atividade jornalística, as quais, a exemplo das instituições formais de ensino, também socializam conhecimentos (diversos), mas em um outro contexto e com outras estratégias. As finalidades da socialização de conhecimentos estão vinculadas assim, aos objetivos, propósitos e funções a partir dos quais as atividades jornalística e docente são realizadas.

Tabela 6 – Finalidades da socialização de conhecimentos

VARIÁVEIS OBSERVADAS	JORNALISMO	ENSINO FORMAL
Mediação	De acontecimentos noticiosos + contextualização	De herança cultural + contextualização
Alargamento da visão de mundo	Diversidade de pontos de vista	Diversidade de perspectivas teóricas
Transformação/ Emancipação	Fomento à criticidade e reflexão	Fomento à criticidade e reflexão
Poder e Democracia	Informação para o exercício da cidadania	Formação para o exercício da cidadania

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quatro variáveis foram identificadas nesta categoria. Na primeira, de mediação, o jornalismo a realiza com a contextualização dos fenômenos noticiosos; de modo similar, a escola também opera com a contextualização,

Janaíne **KRONBAUER**

porém toma como objeto a herança cultural da humanidade. A segunda variável, alargamento da visão de mundo, se refere à disposição da diversidade de pontos de vista por parte do jornalismo; na agência escolar, o que se oferece é a diversidade de perspectivas teóricas. Quanto à terceira variável (transformação/emancipação) sugeriu-se que nesses dois ambientes há potencialidade de fomento à criticidade e a reflexão junto aos auditórios. A quarta variável, poder e democracia, relaciona-se em ambos os contextos, ao exercício da cidadania: no jornalismo, seu recurso é a informação, no ensino, é a formação por ele propiciada.

Ainda que esses tenham sido os propósitos da socialização de conhecimentos indicados pelos especialistas entrevistados, é preciso reconhecer que, além de disporem de tempos diferentes para se estabelecerem, o jornalismo se apresenta como uma prática profissional que não se volta, “como a própria escola, para finalidades específicas e prioritárias de aprendizagem” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 101). Assim, a homologia entre as finalidades de ambas as agências precisa ser relativizada.

Considerações finais

Diferentes trajetórias podem ser seguidas na busca por compreender a socialização de conhecimentos. Algumas delas advém dos movimentos operados pelo jornalismo e pelo ensino formal. Neste estudo, com base em seis categorias predefinidas (contrato comunicativo, sistemas peritos, autoridade atribuída, dispositivos e formatos, conhecimento sobre os auditórios e, finalidades da socialização de conhecimentos), procurou-se identificar algumas das especificidades da socialização de conhecimentos nesses dois ambientes, especialmente no jornalístico.

Em síntese, o que se constatou foi uma considerável proximidade entre as práticas dos dois ambientes, porém não uma homologia completa –

sobretudo quanto ao “conhecimento dos auditórios”. Há, no entanto, afinidades em seus modos de fazer, notadamente a circulação e mediação de informações e conhecimentos. O comparativo realizado permite reafirmar que as atividades jornalísticas, ainda que não se atente para isso, incorporam em diversas situações uma latente dimensão pedagógica, algo já apontado por Cerqueira (2018). Este estudo, ratifica essa constatação e avança na explicitação de algumas das diferenças e semelhanças entre as práticas das duas agências, o que contribui para delinear com mais precisão o perfil do fazer-saber incorporado pelo jornalismo.

Com os resultados da pesquisa sublinha-se a responsabilidade assumida e incorporada pelo jornalismo em suas práticas cotidianas. Contemporaneamente, mais do que antes, compreender os modos como a socialização de conhecimentos ocorre para além do âmbito do ensino formal, é estratégico para avançar rumo a uma participação efetiva do jornalismo no trato de questões caras a uma sociedade ética, democrática e comprometida, de modo agudo, com valores humanos universais como igualdade, equidade e diversidade.

Referências

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CERQUEIRA, L. **A função pedagógica no telejornalismo**: e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística. Florianópolis: Insular, 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

ERICSON, R.; BARANEK, P.; CHAN, J. **Visualising deviance**: a study of organization news. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre Educação** – diálogos. Vol. 2. 3 ed. ver. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GENRO FILHO, A. Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 1, p. 160-162, 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

KRONBAUER, J. Adaptações metodológicas na pesquisa diante da pandemia de SARS-CoV-2. *In*: JORNADA DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO DA UFSC. 10., 2021, Florianópolis. **Caderno de Resumos**. Florianópolis: PPGJOR-UFSC, 2021, p. 75-76.

KRONBAUER, J. **A socialização de conhecimentos pelo jornalismo**: afinidades e diferenças com as práticas pedagógicas do ensino formal. 2021. 285 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231043/PJOR0169-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 dez. 2022.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do conhecimento. *In*: BENETTI, M.; FONSECA, V. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

FONSECA, V. P. S.; SEIBT, T. A contribuição de Max Weber para os estudos do jornalismo: um ensaio teórico-metodológico. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 640-657, set./dez. 2015.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2007.

MEDITSCH, E.; KRONBAUER, J. Contratos comunicativos no ensino formal e no jornalismo: uma análise comparativa entre agências socializadoras de conhecimentos. **Comunicação & Educação**, [S. /], v. 26, n. 1, p. 42-53, 15 jul. 2021. Semestral.

**ESPECIFICIDADES DA SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DO JORNALISMO:
uma análise comparativa com as práticas pedagógicas do ensino formal**

Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v26i1p42-53>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/172595/173989>. Acesso em: 27 dez. 2022.

MIGUEL, L. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, maio 1999.

PARK, R. A história natural do jornal. *In*: MAROCCO, B.; BERGER, C. (orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008a. v. 2. p. 33-50.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. *In*: MAROCCO, B.; BERGER, C. (orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008b. v. 2. p. 51-70.

REGINATO, G. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

SETTON, M. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

SETTON, M. J. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOCIALIZAÇÃO. *In*: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwXBy>. Acesso em: 27 dez. 2022.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

